

**The 75th anniversary
of Delfim Santos'**
*An evaluative assessment of
Neopositivism*

November 4-5, 2011



**SITUAÇÃO VALORATIVA
DO
POSITIVISMO**

por
DELFIN SANTOS

**BERLIM
1938**

ABSTRACTS

OS (DES)ENCONTROS ENTRE DELFIM SANTOS E EDMUNDO CURVELO.

José António ALVES, C. E. Humanísticos da U. do Minho
jalvespt@gmail.com

O Arquivo Delfim Santos guarda a correspondência entre Delfim Santos e Edmundo Curvelo. As cartas foram trocadas entre 1948 e 1951. Além das cartas remetidas por Edmundo Curvelo, foi felizmente possível recuperar, também, os rascunhos das missivas enviadas por Delfim Santos. Esta felicidade ajuda a minimizar o infortúnio de no espólio de Edmundo Curvelo não se encontrarem as cartas efetivamente enviadas pelo autor de *Da Filosofia*, aliás à semelhança do que acontece com muitas outras cartas de que se conhece a existência, porque existem os sobrescritos, mas das quais se desconhece o conteúdo.

O conjunto de cartas não é extenso. No entanto, a correspondência que existe nada tem de circunstancial e é importante para se apreciar o diálogo entre os dois pensadores. Delfim Santos e Edmundo Curvelo estiveram, claramente, em lados diferentes da construção filosófica. Apesar disso foram interlocutores privilegiados. Delfim Santos estudou diretamente com os neopositivistas, embora não se tenha identificado com o ideal positivista; a obra de Edmundo Curvelo, sobretudo na opção que faz pela lógica e nos pressupostos que elege, situa-se na tradição do Círculo de Viena. O filósofo português foi certamente um dos poucos leitores capazes de compreender o autor de *Multiplicidade Lógicas Discretas*. Além disso, os rascunhos de Delfim Santos são mais um exemplo, entre muitos outros evidenciados na correspondência diversa trocada com intelectuais do seu tempo, do leitor atento e crítico que ele era daquilo que se publicava em Portugal e no estrangeiro.

Procuraremos indagar o encontro ocorrido entre os dois filósofos através da exploração dos desencontros filosóficos expressos na correspondência a que aludimos acima. Serão desenvolvidas as respostas às seguintes interrogações: Qual o lugar da filosofia e da ciência? Qual o lugar da lógica? Qual o lugar da metafísica? Qual o lugar da linguagem?

(autor ausente do Colóquio, o texto foi recebido para inclusão nas Atas).

O COMPROMISSO COM O CONHECIMENTO: UM RELANCE SOBRE A CORRESPONDÊNCIA ENTRE JOSÉ SANT'ANNA DIONÍSIO E DELFIM SANTOS.

António Aragão ARESTA
aragaoaresta@gmail.com

Dois jovens professores liceais, formados na primeira Faculdade de Letras do Porto, simbolizam o novo espírito científico, pedagógico e cultural da Escola Portuense criada pelo magistério de Leonardo Coimbra.

A correspondência que trocaram, de 1931 a 1966, para além das descontinuidades dos trajetos existenciais, evidencia o amanhecer de uma geração inconformista, politicamente inquieta e desalinhada, profissionalmente desajustada e culturalmente cindida e repartida por movimentos estéticos singulares (*Renascença Portuguesa, Seara Nova, Presença*, entre outros).

A obra filosófica que vão publicando, as polémicas e as intervenções cívicas e culturais, também questões de natureza profissional, serão melhor iluminadas à luz desta correspondência.

EPISTEMOLOGIA E ONTOLOGIA EM DELFIM SANTOS

Pedro Luís BAPTISTA

pedroluisbaptista@gmail.com

Do início do labor filosófico ao período final de maturação de Delfim Santos, analisam-se textos motivados pela noção de necessidade de uma nova lógica, sintética e não analítica, capaz de edificar uma filosofia original da nova matemática do séc. XIX e da nova física do Séc. XX, centrados na orientação para a *regionalização* do real, assegurando a realidade da sua pluralidade e, assim, paralelamente a *categorização* do pensamento (ao contrário do que pretende o unitarismo do metodologismo lógico) num caminho pluralista coerente indicado pela metafísica como ontologia fundamental.

DELFIN SANTOS E O NEOPOSITIVISMO

José Maurício de CARVALHO, Dep. de Filosofia da UFSJ
mauricio@ufs.edu.br

Nesta comunicação comentamos o livro *Situação Valorativa do Positivismo* escrito por Delfim Santos em 1938. A obra faz uma crítica ao movimento neopositivista que ganhou projeção nas primeiras décadas do século passado, valendo-se das próprias ideias veiculadas pelo movimento. O foco principal do texto são as ideias divulgadas pelo Círculo de Viena, importantes, segundo Delfim Santos, para redefinir o papel da ciência e do significado de suas teorias. Com a obra o autor espera recuperar o significado da discussão metafísica que o neopositivismo considerava reunião de teses sem sentido. O projeto guarda semelhança com o propósito de Kant e teve forte impacto em Portugal e Brasil, marcados pela herança pombalina que deu ao positivismo comteano extraordinária força.

(autor ausente do Colóquio, o texto foi recebido para inclusão nas Atas).

A CORRESPONDÊNCIA FILOSÓFICA ENTRE DELFIM SANTOS E EDMUNDO CURVELO

Manuel CURADO, Universidade do Minho
curado.manuel@gmail.com

A presente comunicação propõe-se apresentar pela primeira vez a correspondência filosófica entre Delfim Santos (1907-1966) e Edmundo Curvelo (1913-1954). O conjunto de cartas trocadas entre Curvelo e Delfim Santos são muito ricas em reflexão filosófica e pouco têm de circunstancial. Estamos perante duas posições filosóficas muito diferentes, se bem que o percurso destes dois filósofos se tenha cruzado e que eles, talvez contra as expectativas de ambos, tivessem acabado por ser leitores privilegiados um para o outro.

TEORIA DA VERDADE E FILOSOFIA DA LÓGICA EM SITUAÇÃO VALORATIVA DO POSITIVISMO

Sérgio Alexandre FERNANDES
svfernandes.hh@gmail.com

Um dos pontos onde Delfim Santos é mais sagaz, em *Situação Valorativa do Positivismo*, é a crítica ao que chama a «lógica dual» do neopositivismo, ou seja, a lógica simbólica extensionalista e a tendência para a interpretar a partir duma ontologia atualista. Delfim Santos propõe uma «lógica trivalente» (i.e., uma lógica para além da mera dualidade entre verdadeiro e falso) e uma teoria da «verdade pluralista» – i.e., a ideia de que a análise lógico-semântica das proposições não pode ser reduzida à verdade e à falsidade.

Estas teses advêm duma abordagem modal (ou seja, uma lógica do possível e do impossível), o que implica uma ontologia possibilista – i.e., uma ontologia em que os objetos visados pelas proposições podem ser meros conteúdos ideais, os quais, portanto, não têm que ter qualquer espécie de consistência ontológica, ao contrário da ontologia atualista, na qual a inexistência do possível é posta ao mesmo nível da inexistência do impossível, e, por conseguinte, a *possibilidade* é reduzida à *falsidade*. Uma lógica do conteúdo das proposições (i.e., uma lógica intensional) e uma ulterior lógica da modalidade desses conteúdos ideais (i.e., intensões) são necessárias para ultrapassar as limitações do dualismo da lógica extensionalista e do atualismo.

Há vários graus entre a certeza da verdade e a certeza da falsidade; e esses graus são gnosiologicamente relevantes. «Verdadeiro» é um adjetivo que só pode ser usado para descrever estados-de-coisas efetivos; e «falso» é atribuível a qualquer proposição que não corresponda, de certeza, a qualquer facto. Ou seja, a verdade e a falsidade só podem ser aplicadas acerca de conhecimentos *certos*: às outras modalidades de crença (possibilidade, dúvida, probabilidade, necessidade, etc.), não se aplica a dualidade verdade-falsidade.

Ao contrário das ciências experimentais, as ciências formais são monovalentes: a *necessidade* – a modalidade de crença própria da lógica e da matemática – não é subsumível ao domínio da mera verdade: ela corresponde ao mundo das idealidades, enquanto a simples verdade é um sinónimo da efetividade, ou seja, corresponde à esfera da realidade. Um conhecimento formal não é apenas verdadeiro mas *necessariamente* verdadeiro.

MIRCEA ELIADE E DELFIM SANTOS NOS ANOS 40: CORRESPONDÊNCIA E VIVÊNCIAS

Rosa FINA, CLEPUL/IECC-PMA
finarosa@gmail.com

Partindo das cartas que Mircea Eliade escreveu a Delfim Santos entre 1943 e 1946, bem como do seu *Diário Português*, tentámos mapear e compreender a relação intelectual que uniu estes dois filósofos assinalando, ao mesmo tempo, os seus pontos de cruzamento. Não deixando de considerar toda a conjuntura político-cultural dos anos 40 em Portugal e na Europa, como a circunstância em que os dois se cruzaram.

AS INFLUÊNCIAS DO POSITIVISMO LÓGICO OU DA ESCOLA DE VIENA EM PORTUGAL NAS DÉCADAS DE TRINTA E QUARENTA

Augusto José dos Santos FITAS, Dep. de Física da U. de Évora e C. E. de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi)
afitas@uevora.pt

No final dos anos vinte, princípios dos anos trinta, funda-se em Portugal um organismo, a Junta de Educação Nacional, que vai ser responsável por permitir que, a partir de então, algumas dezenas de licenciados e professores universitários passem a dispor de condições para, em países europeus, realizarem estágios e melhorarem a sua formação técnico-científica ou iniciarem uma carreira científica orientada por cientistas internacionalmente reconhecidos.

Estes jovens investigadores, que tomam parte ativa na atividade dos centros de pesquisa europeus de vanguarda, vão contactar com as novas ideias da filosofia da ciência que alimentavam muitos seminários académicos. Também alguns sectores do meio universitário português, embora muito restritos, pela leitura de revistas científicas da especialidade presentes em alguns escaparates das nossas bibliotecas universitárias, não podiam permanecer completamente surdos perante o debate em torno das questões levantadas pela Escola de Viena.

É entre um número reduzido de professores universitários contaminados pelo vírus da iconoclastia, entre um sector intelectual atento ao que se passava lá por fora, entre alguns jovens professores não contaminados pela velha Universidade e que ousavam percorrer trilhos de modernidade científica e filosófica e os bolseiros regressados da Europa (onde se inclui Viena), que vamos encontrar os principais canais por onde circula a influência do empirismo lógico em Portugal. E dois grupos podemos distinguir: um, o mais ligado á prática científica, onde a título de exemplo podemos destacar Rui Luís Gomes e Mário Augusto da Silva; outro, o referente à prática filosófica, onde se destacam, entre outros, Delfim Santos, Vitorino de Magalhães Godinho e Vasco Magalhães Vilhena. É sobre estes autores que pretendemos tecer algumas considerações.

DELFIN SANTOS E A VERDADE COMO DESAFIO E LIMITE DO CONHECIMENTO

José Luís Vasconcelos Brandão da LUZ, U. dos Açores
jbluz@uac.pt

O problema do conhecimento compreende-se na confluência do esforço de clarificação das noções de verdade e de realidade. A questão atravessa de forma persistente a obra filosófica de Delfim Santos, a qual, desde o estudo crítico do neopositivismo, chama a atenção para a resistência da realidade a subordinar-se aos artifícios que a tornam inteligível.

As limitações da objectivação com que a investigação científica e cada época se confrontam remetem-nos para o domínio do transobjetivo. A consciência deste desequilíbrio aponta, ao mesmo tempo, para o deslocamento dos limites das fronteiras do conhecido e para o encaminhamento do sujeito em direção da verdade. O conhecimento apresenta-se assim como resposta ao desafio da atracção inexaurível do ser.

APRENDENDO A 'LIÇÃO ALEMÃ': BOLSEIROS PORTUGUESES NA ALEMANHA NA 'ÉPOCA DO FASCISMO'.

Cláudia NINHOS, Inst. de História Contemporânea da FCSH/UNL
claudia.sn@sapo.pt

Na sequência das cláusulas impostas pelo Tratado de Versalhes, a Alemanha foi alvo de várias restrições que afectaram, inclusivamente, a política científica do país e o seu estatuto cultural e científico, colocando em causa o próprio poderio económico e político do país. Para ultrapassar esta situação, a República de Weimar transforma a ciência e a cultura em elementos determinantes da política externa. Com o intuito de difundir, além fronteiras, o que era produzido no país, são criadas várias instituições que serão as responsáveis por esta tarefa. Desenvolve-se, paralelamente, um programa de intercâmbio através da concessão de bolsas, do envio de cientistas e académicos para proferirem conferências no estrangeiro, fomentando-se ainda o ensino da língua alemã. Estavam, no fundo, a ser lançados os fundamentos e instrumentos para a política cultural e científica, no estrangeiro, do regime nacional-socialista. Em 1933, ano em que chegam ao poder, os nazis não tinham ainda delineado uma política cultural e científica, dando continuidade à política que a República de Weimar levava a cabo e instrumentalizando as instituições já existentes. Um dos instrumentos deste 'imperialismo cultural' foi a concessão de bolsas, até porque Hitler considerava ser «uma boa política» que os estudantes estrangeiros obtivessem diplomas nas universidades alemãs, pois seria uma forma de tornar estes indivíduos, «que passaram parte da sua juventude» na Alemanha, «amigos para a vida». O Führer tinha noção que «a propaganda destinada ao estrangeiro não deve ser baseada, de forma alguma, na propaganda utilizada para consumo interno» [apud Trevor-Roper, Hugh, org. (2000) *Hitler's Table Talks*, New York: Enigma Books, 421], devendo antes ser dirigida às elites e, como teorizou em *Mein Kampf*, «para os intelectuais (...) não se deve tratar de propaganda e sim de instrução científica» [Hitler, Adolf (1976) *A Minha Luta*, Lisboa: Fernando Ribeiro de Mello/Edições Afrodite, 134].

A Junta de Educação Nacional e, mais tarde, o Instituto para a Alta Cultura foram os parceiros por excelência das instituições culturais e académicas alemãs, trocando livros, cientistas e bolseiros. O objectivo desta comunicação será, assim, compreender a importância que a JEN/IAC assumiram enquanto elementos de uma 'rede' que uniu os dois países, sobretudo através da análise dos casos de alguns bolseiros que estiveram na Alemanha, como Delfim Santos, Francisco Caldeira Cabral, José Ayres de Azevedo, Maria Augusta Barbosa, Jorge Dias, Flávio Resendes ou Manuel Paiva Boléo. Para alguns deles o primeiro contacto com o meio científico e cultural germânico havia sido encetado antes de 1933, vindo a aprofundar-se nos anos seguintes, fruto do acordo estabelecido entre as instituições portuguesas e alemãs com vista à intensificação do intercâmbio académico.

Quais os objectivos subjacentes às instituições alemãs e portuguesas? O que motivou os bolseiros a escolherem a Alemanha como destino para desenvolverem os seus estudos? Que repercussões tiveram, nas suas obras e nas suas carreiras, os ensinamentos obtidos no Reich? Estas são, no fundo, algumas questões às quais procuraremos responder.

**THE PORTUGUESE FORESTRY COMMUNITY AND THE RESEARCH FELLOWS
ABROAD BETWEEN 1915 AND 1952.**

Ignacio García PEREDA, Euronatura
ignacio.pereda@euronatura.pt

One of the areas of greatest interest to researchers in the field of the forest history is the study of the process of appropriation of new scientific theories in countries that can be classified as peripheral in terms of their scientific output. Peripheral countries are those whose academic community is distanced from advanced centers in terms of the research they produce and that have participated to a lesser extent in the process of scientific creation.

Like many other countries, the Portuguese forestry community finds itself in this situation. In this article, we do not present a comparative study but report the principle facts regarding the way in which the Portuguese forestry community began learning about the arguments presented by their international colleagues, which gave rise to a new paradigm in contemporary forest management. We will study the cases of the fellows Mário Azevedo Gomes (USA, 1915), Joaquim Vieira Natividade (UK, 1930), Francisco Santos Hall (USA and Germany, 1931), Francisco Caldeira Cabral (Germany, 1936), Francisco Flores (USA, 1936). Until these study travels, new themes as Forest Ecology or Genetics seem not to have interested Portuguese forest engineers scientifically. However, from the 1930s onwards, thanks to the young researchers who had recently completed periods of training in scientifically more advanced European countries, the Portuguese Forestry community became more interested in these theories; this interest was evident at some seminars and led to its inclusion in university course programs.

WHAT ABOUT NEURATH'S PROGRAM OF UNITY OF SCIENCE TODAY?

Olga Maria POMBO Martins, CFCUL
ommartins@fc.ul.pt

The talk has two aims: first, to identify the specificity of Neurath's program of unity of science; second, to look for the possible actuality of such program, that is, to evaluate the meaning it may have in the present time.

DELFIN SANTOS E VITORINO NEMÉSIO: A CORRESPONDÊNCIA E A *REVISTA DE PORTUGAL*

Luís António RIBEIRO

luisribeiro1967@yahoo.com

A presente comunicação tem como intuito perspectivar a correspondência entre Delfim Santos e Vitorino Nemésio, enquadrando-a na *Revista de Portugal* (fundada por Nemésio em 1937) e nos artigos lá publicados pelo pensador portuense.

SÉRGIO E A RECEPÇÃO CRÍTICA DO POSITIVISMO LÓGICO NA SEARA NOVA

João PRÍNCIPE, Departamento de Física da Universidade de Évora – CEHFCi.
jpps@uevora.pt

Desde as *Notas sobre Antero* (de 1906), António Sérgio foi desenvolvendo um ideário epistemológico onde se acentua a espontaneidade, o carácter essencialmente ativo do intelecto. Em filosofia tal ideário opõe-se aos empirismos que supõem uma passividade dos sentidos e da percepção e em psicologia opõem-se ao associacionismo, ao modelo que supõe que a relação entre estímulo e reação é direta e independente da experiência prévia e da estrutura mental do sujeito. Conhecedor profundo de Kant e da história da Filosofia, AS está próximo dos filósofos neokantianos franceses. Em Psicologia AS seguiu a linha que leva de Wundt à Gestalt e a Piaget, possuindo assim um saber moderno sobre sensação percepção e construção dos objetos. No tocante à epistemologia das ciências, em particular da Física, AS conhecia as obras de Henri Poincaré e de Pierre Duhem, onde se valoriza a invenção, a intuição e o holismo.

Sendo a *Seara Nova*, sob a égide de AS, um veículo de uma teoria idealista interessada nas ciências, o estudo da SN importa ao da recepção do Positivismo lógico em Portugal. Três momentos são de destacar: a abertura da SN à intervenção de Abel Salazar que pretende fazer a vulgarização das ideias do movimento vienense, seguida de polémica com AS (1937); a recepção muito favorável da obra de Delfim Santos acabada de publicar em Berlim (1938); a tradução (1939) de uma obra crítica da autoria de William Henry Werkmeister, *Seven theses of logical positivism critically examined*, publicada na *Philosophical Review* em maio de 1937. Nesta comunicação mostrar-se-á como a reação de AS ecoa a oposição entre a tradição francesa e neokantiana e as teses do Círculo de Viena, atendendo-se às especificidades do campo intelectual português de então.

FRATERNIDADE E DISSENSÃO: OS DISCÍPULOS DE LEONARDO COIMBRA E O PROBLEMA DA CIÊNCIA

Jorge Croce RIVERA, Universidade de Évora
rivera@uevora.pt

Sentido como um magistério, tanto intelectual, quanto ético e espiritual, o ensinamento de Leonardo Coimbra na Faculdade de Letras do Porto deixou um profundo lastro entre um restrito mas dotado conjunto de discípulos, que prosseguiram, após a conclusão os estudos académicos, o encerramento compulsivo da instituição em 1931 e o falecimento prematuro do *Mestre* em 1935, vias filosóficas, políticas e de intervenção cultural autónomas, mas decisivamente marcadas pela perspectiva de Leonardo Coimbra sobre a Ciência e a Epistemologia contemporâneas. Partindo da receção das obras do jovem Delfim Santos, em particular de *Situação Valorativa do Positivismo* (1938), pelo círculo mais íntimo dos *irmãos em Leonardo*, o presente estudo procura compreender a importância do problema da Ciência – da unidade, natureza e métodos da Ciência, da sua relação com a Filosofia – no pensamento de alguns dos discípulos de Leonardo Coimbra – Delfim Santos, Álvaro Ribeiro, José Marinho, Eudoro de Sousa –, mostrando as afinidades e os contrastes, as similitudes e as divergências entre as suas concepções.

A 'GERAÇÃO DE OURO' NA INTERNACIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA E CULTURA PORTUGUESAS

Filipe Delfim SANTOS, CFCUL

Nos anos 30, uma jovem geração de investigadores portugueses atuantes nas áreas da filosofia, da física, da matemática, da medicina, da pedagogia, brilhou nos mais avançados centros universitários e culturais do mundo. Este movimento, iniciado nos primórdios dessa década e culminando simbolicamente no Prémio Nobel de Egas Moniz em 1949 — o máximo reconhecimento jamais atribuído a um pesquisador português —, iria constituir a chamada ***Geração de Ouro***.

Se alguns casos das ciências duras e aplicadas são mais conhecidos, também nas ciências humanas pensadores portugueses prepararam teses de doutoramento com *Moritz Schlick* e *Nicolai Hartmann* (caso de Delfim Santos); ou introduziram em Portugal as ideias de *Wittgenstein* e de *Heidegger* (também Delfim Santos) ou de *Claparède* (Irene Lisboa), ou trabalharam em centros de estudos históricos (Agostinho da Silva), pedagógicos (José Rodrigues Miguéis), de psicologia (Barahona Fernandes), de matemática (Sebastião e Silva), etc.

Grande parte destes pioneiros foi para o exterior como bolseiro de doutoramento da **Junta de Educação Nacional (1929-1936)** e do **Instituto para a Alta Cultura (1936-1952)**; para além de apoios a estágios e deslocações a bibliotecas, no caso das humanidades o auxílio oficial também se revestiu por vezes da forma de nomeação para leitorados de língua e cultura portuguesa e brasileira nas grandes universidades europeias.

A internacionalização da ciência portuguesa nos anos 30 seguiu um padrão detetável: eram pesquisadores com formações científicas muito variadas e oriundos de todas as cores políticas, geralmente em início de carreira e empenhados em regressar ao seu país após os estudos no exterior. O trabalho de levantamento das suas carreiras tem passado pelo estudo dos seus espólios e do material de arquivo daquelas duas instituições.

Esse esforço de duas décadas da JEN/IAC pela dignificação dos investigadores portugueses é notável a todos os títulos até porque não conheceu precedentes com a mesma consistência e duração, nem sequentes – a partir dos anos 50 assiste-se a uma decadência do investimento financeiro e institucional no então formado Instituto de Alta Cultura e fontes privadas como a Gulbenkian vieram suprir o financiamento para os investigadores científicos em busca de internacionalização. Às gerações posteriores pode não ter faltado o brilho mas certamente não lhes foram exigidas as mesmas provas de concentração nos seus objetivos, de audácia e por vezes mesmo de coragem física, dos que tinham sido apanhados pelos violentos choques políticos e ideológicos na Europa, por uma devastadora guerra mundial e pelos inúmeros constrangimentos do imediato pós-guerra, desde limitações e riscos nos contactos e deslocações, desaparecimentos na frente de batalha dos colegas e amigos estrangeiros, destruição física das universidades onde trabalhavam, etc.

O caso de Delfim Santos leva-nos a questionar se o retorno dos bolsеiros correspondeu ao retorno do investimento neles feito pelas autoridades científicas portuguesas. Pode dizer-se que o jovem Delfim Santos recebeu na área dos estudos filosóficos uma preparação dificilmente igualável, quer pela variedade quer pela qualidade. Porém, após dois anos de bolsеiro com estágios em Viena, Berlim, Londres e Cambridge, cinco de leitorado em Berlim, duas teses de doutoramento redigidas (a primeira sofrendo uma recusa dificilmente explicável, a segunda aprovada mas alvo de uma campanha fortemente negativa), isto sem descurar a sua participação nos principais congressos internacionais de filosofia daquele tempo, Delfim Santos acabaria por regressar a Portugal em 1942, aliás contra a sua vontade e apenas para enfrentar o persistente ressentimento com que os meios académicos olharam a sua formação privilegiada. Rejeitado para a docência por Coimbra, a Universidade que ele escolhera para se doutorar, e aceite em Lisboa somente para a área pedagógica – na qual aliás viria a desenvolver carreira num campo onde a sua preparação seria mais recente –, iria sempre perseguir a miragem de uma cátedra de filosofia, até mesmo fora do país, que lhe seria constantemente negada. A partir da sua ‘segunda’ tese de doutoramento Delfim Santos nunca mais publicaria trabalhos de filosofia em forma de livro e só nos anos 60 regressaria por breve trecho às suas investigações sobre filosofia das ciências que desenvolvera em Viena, sob o impacto da docência de Schlick e da atmosfera do Círculo de Viena.

Delfim Santos não foi certamente um caso único em Portugal de investimento pelos órgãos da pesquisa e subsequente desinvestimento pelas universidades, que pelas piores razões não sabem ou não querem aproveitar aqueles que já obtiveram reconhecimento no exterior. A presente comunicação tem por objeto analisar as causas dessa rejeição de que ele foi alvo por parte de algum *establishment* universitário: causas políticas, geracionais, de temperamento, de formação mas também outras estruturais e permanentes que têm conformado e deformado durante séculos a cultura nacional.

QUINE AND THE VIENNA CIRCLE

Rui SILVA, University of the Azores
rsilva@uac.pt

The influence of logical positivism on Quine's philosophy is indisputable, and Quine himself confessed that Carnap was his major philosophical influence. However, Quine was also a very influential critic of logical positivism. The title of a book from Dirk Koppelberg expresses well the nature of the relation between Quine and the logical positivism: *Die Aufhebung der analytischen Philosophie: Quine als Synthese von Carnap und Neurath*. The German word 'Aufhebung' is, with its Hegelian overtones, particularly appropriate in this context, because Quine tried to overcome the partly antithetical positions of Neurath and Carnap, preserving what he considers to be their correct insights. From Neurath, Quine adopts his fallibilism, coherentism and holistic conception of science; from a long philosophical dialogue with Carnap, Quine developed not only a critique of analyticity, but also his thesis of the indeterminacy of translation. My analysis of the relation between Quine and the Vienna Circle will focus on two major problems: the critique of analyticity and the nature of observation sentences.

Quine's critique of the analytic/synthetic distinction started in the 1930s. In papers like 'Carnap and Logical Truth', he argues that it is useless to ground logic in conventions, because, among other reasons, we need logic to draw inferences from conventions. In the famous *Two Dogmas of Empiricism*, he develops two argumentation lines against analyticity. Firstly, Quine claims that analyticity belongs to a circle of interdefinable but equally obscure notions, like synonymy, necessity and semantic rules. The latter notion is particularly important in light of Quine's relation with the Vienna circle. Logical positivists conceived of analytic propositions as propositions that express the conventions and rules that govern a language (a conception that helped them to explain the privileged status of logic and mathematics without compromising their empiricism). Quine argues that without a general concept of semantic rules, it is a vacuity to claim that analytic propositions are propositions that follow from the semantical rules of a language (from the set of true sentences of a language, one can arbitrarily select some of them as semantic rules). Secondly, Quine also argues that the confirmation holism (the so-called Duhem-Quine thesis) undermines the analytic/synthetic distinction. In fact, if «our statements about the external world face the tribunal of sense experience not individually but only as a corporate body», it is not possible to test isolated hypotheses, and in the presence of recalcitrant evidence there are many possible ways to modify a theoretical system in order to preserve its agreement with experience. Against traditional accounts of analyticity, Quine argues that no statement is immune to revision; in the limit, even principles of logic may be revised. Curiously, Carnap accepted confirmation holism and the idea that any scientific statement can be changed or abandoned, but he underestimated the challenge that these points

raise for the analytic/synthetic distinction; in opposition to Quine, he continued to endorse a distinction between factual and meaning-constitutive statements.

The critique of the analytic/synthetic distinction leads to a critique of the distinction between conceptual and factual investigations. Accordingly, Quine rejected the conception of philosophy advocated in the Vienna Circle as a conceptual investigation essentially devoted to an analysis of the scientific language. With his proposal of a 'naturalized epistemology', Quine establishes continuity between science and philosophy; philosophical questions can be distinguished from scientific questions only because of their higher degree of generality.

The second major problem concerns the nature of observation sentences. The famous debate on 'protocol sentences' in the Vienna Circle was inconclusive, with Schlick proposing a foundationalist account of knowledge, according to which the so-called *Konstatierungen* grasp the immediate experience and constitute the unshakeable basis of science, although they are not proper parts of science; they are expressed by statements like «Here is yellow». Because of the obscure character of *Konstatierungen* (the extra-scientific basis of science), Neurath proposed another account of observation sentences and a coherentist epistemology, according to which a sentence can only be justified by another sentence (and not by *Erlebnisse*, subjective experiences); as a result, there are no unrevisable sentences in science.

Quine also tried to clarify the nature of observation sentences. He avoids references to subjective experience (like *Konstatierungen* or Carnap's *Elementarerlebnisse*), rejecting the notion of sense data and replacing it by two clearer concepts: the neural input (the neurological *Ersatz* of the psychological notion of sense data) and the observation sentence. The latter notion is Janus-faced, because it involves a 'neural intake' and, at the same time, is related to theoretical sentences. In order to clarify the relation between theory and experience, Quine claims that observation sentences can be taken in two ways: holophrastically, as unstructured responses to certain stimuli, and analytically, structured by terms that refer to external objects and are connected to theories. Taken holophrastically, observation sentences are not theory-laden and constitute a solid, empirical basis for science; taken analytically, they are theory-laden and belong to the system of science. This double personality of observation sentences is, however, problematic. In particular, when taken holophrastically, observation sentences are entities too rude to have epistemological significance (Quine compares them to animal reactions to *stimuli*). We can conclude that Quine also failed in providing an account of a theory-free empirical basis of science.

MORITZ SCHLICK AND HIS STUDENTS - A COMPARATIVE CASE STUDY

Friedrich Stadler, Director of the Institute Vienna Circle
friedrich.stadler@univie.ac.at

Moritz Schlick (1882-1936) attracted a group of gifted younger foreign philosophers, who studied with him in Vienna and/or were guests of the famous Vienna Circle – amongst them Hong Qian (Tscha Hung), Arne Naess, Ludovico Geymonat, Carl G. Hempel.

Most of them succeeded later in the philosophical communities of their home countries or host countries after their forced migration, like the Austrians Herbert Feigl or Walter Hollitscher.

They became later famous scholars in their home countries and contributed enormously to the development of scientific philosophy and philosophy of science. The paper will try to identify the reasons for this unique cosmopolitan phenomenon in the 1930s and compare the common as well as different features of this outstanding *second generation*, thereby enabling a contextual setting for the short Vienna period of Delfim Santos.



Centro de Filosofia das Ciências
da Universidade de Lisboa

<http://cfc.ul.fc.ul.pt>

DS
arquivo
Delfim
Santos

